

**25/1/1985**

**Situação em Guariba ainda tensa**

Nunzio Briguglio

O inconformismo com o desemprego na região de Ribeirão Preto está mantendo tensa a situação entre os trinta mil trabalhadores rurais ligados à cultura da cana-de-açúcar, entre eles dez mil desempregados, segundo os números oficiais levantados pelas prefeituras dos municípios abrangidos: Guariba, Jaboticabal, Sertãozinho, Pradópolis, São Joaquim da Barra e Barrinha.

O presidente Fábio Meirelles, 56, da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, é um dos principais arautos dessa situação. Para ele, a ação da Igreja e do Partido dos Trabalhadores, principalmente em Guariba — cidade com trinta mil habitantes distante 360 quilômetros da Capital — é a razão principal da desestabilização, capaz de fazer repetir cenas de violência ainda piores do que as que ocorreram no último dia doze.

Para Meirelles, que se diz calcado em entendimento da Faesp, não foi o desemprego o mobilizador dos últimos acontecimentos na região. "Pode ter sido um movimento justo. Mas, nós entendemos que forças políticas adentraram o meio rural. Temos dados preciosos. São elementos infiltrados na Igreja e líderes de outros segmentos econômicos, inclusive da região do ABC".

Concordando com a exposição de Meirelles, o Sindicato dos Produtores do Açúcar e do Alcool, através de seu diretor, Werther Annicchino, 47, vê a situação com mais otimismo. Para ele, o acordo firmado entre a Faesp e a Fetaesp praticamente colocou fim ao movimento reivindicatório, da mesma forma que os 35 mil hectares de culturas intercalares de amendoim e soja, cujo plantio deve se iniciar nos próximos dias, deverá absorver praticamente toda a mão-de-obra desempregada. "Não há porque temer pela situação" — diz.

Para Annicchino, a greve dos bóias-frias tem uma conotação política muito grande. "A gente nota uma luta intestina pelo domínio dos sindicatos. Foi uma paralisação em que primeiro se deflagrou o movimento e depois se propôs as reivindicações".

Por outro lado, o representante patronal entende como grave a questão do desemprego na região e o atribui a sazonalidade da cultura da cana-de-açúcar, embora ressalte ser um dos menores índices da agricultura brasileira (15 a 20%). "Toda a sociedade brasileira tem que estar engajada para resolver este problema" — propõem. "A nossa atividade é totalmente dirigida. E, nós estamos controlados nos custos pelo governo, impossibilitados portanto de repassar qualquer solução".

Annicchino entende que a lavoura de cana é a mais organizada e a que possui maiores condições de atender as reivindicações sociais dos trabalhadores. "Tanto é que é ela que oferece as melhores condições da agricultura. Até mais que alguns setores urbanos, o que justifica um índice não mesurável, mas bem razoável, de transferência de trabalhadores para o campo". Ele lembra também que o índice de desemprego na região do ABC no início do ano passado — "época dura de recessão" — era maior do que na atividade canavieira.

As soluções, segundo Annicchino, passam necessariamente pela reestruturação da atividade agrícola. "Por exemplo" — cita — "uma safra mais longa, reduzindo o período de entressafra; o seguro desemprego, uma previdência social mais realista e eficaz. Mas, todas estas decisões são de longo prazo e não dependem unicamente dos empresários" — pondera.

Para o presidente do PT, Luis Inácio da Silva, o Lula, 39, partido "não tem dúvida de que em qualquer conflito que exista no campo ou na cidade, deverá estar do lado dos trabalhadores" — diz com clareza referindo-se às denúncias de infiltração.

Para Lula, a situação na região de Ribeirão Preto é tensa e dramática. "Mas", ressalva, "a questão não está em se pedir aos desempregados ou as pessoas que ganham pouco mais de cem mil cruzeiros que tenham paciência, é melhor ponderar aos usineiros que diminuam os seus lucros. A questão da fome, da miséria e do desemprego não pode esperar. Tem que ser resolvido imediatamente".

"Ninguém leva o trabalhador a greve se ele não quiser". A frase é do presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo, Roberto Horiguti, 44 anos, no cargo desde 1969. Desta forma ele respondeu às denúncias de infiltração no movimento dos bóias-frias da região de Ribeirão Preto.

Horiguti entende que a situação é grave na medida em que o acordo firmado com a Faesp pode agravar a situação dos desempregados. E explica: "Com o aumento dos salários dos empregados, o próprio mercado de alimentos se inflaciona e dificulta ainda mais o acesso aos gêneros de primeira necessidade para quem está sem emprego".

O secretário Almir Pazzianotto, 48, das Relações do Trabalho, prefere não responder à denúncia de infiltração no movimento. Ele entende que a situação é grave e reconhece que o acordo passa ao largo dos desempregados. Espera um maior empenho das prefeituras municipais e dos empresários no sentido de viabilizar as frentes de trabalho e as atividades ligadas às culturas intercalares.

Por sua vez, Maria Victória Benevides, 42, representante da Comissão Justiça e Paz da Curia Metropolitana de São Paulo, refutou as denúncias de infiltração. "Nós não damos mais nenhum crédito a esse tipo de denúncia. Ainda mais quando é feita por um representante patronal que sempre se manifestou contra o direito dos trabalhadores".

***(Primeiro Caderno — Página 14)***